

[Som de Moviola]

[Música antiga]

[Narração Cinema] *Iacanga é um núcleo de progresso, que se localiza à margem esquerda do Rio Tietê, foi elevada à município em abril de 05, Iacanga possui mais de mil propriedades agrícolas.*

[Som da Moviola]

[□Guitarra□]

[Vozes de fundo]

[Moviola]

[Narração de Cinema] *No jardim local, está situada a formosa igreja matriz, onde o fiéis católicos cumprem os sagrados deveres.*

[□Violão dedilhado□]

[Moviola]

[Narração de Cinema] *O grupo escolar José Caldas de Souza, onde recebem não mais de 640 alunos.*

[□Violão dedilhado□]

[Vozes animadas]

[Moviola]

[Narração de Cinema] *Ruidosamente e com alegria, deixam o grupo escolar os pequeninos filhos de Iacanga, felizes e contentes, após o dever cumprido retornando ao lar, onde os aguardam ansiosos, seus pais.*

[Violão de fundo]

[Música Novos Baianos]

□ **No céu, azul, azul fumaça - Uma nova raça** □

□ **Saindo dos prédios para as praças - Uma nova raça** □

□ **No céu, azul, azul fumaça - As palavras correm pelos pensamentos** □

□ **No céu, azul, azul fumaça - A vida e a morte calçam igual** □

□ **Uma geração em busca - Nem o bem, nem o mal - O próprio passo é a razão** □

□ **No céu, azul, azul fumaça - Uma nova raça** □

□ **Saindo dos prédios para as praças - Uma nova raça** □

□ **No céu, azul, azul fumaça - As palavras correm pelos pensamentos** □

□ **No céu, azul, azul fumaça - A vida e a morte calçam igual** □

□ **Uma geração em busca - Nem o bem, nem o mal - O próprio passo é a razão** □

[Repórter] - *Junior foi o idealizador do festival de Águas Claras. Junior, como é que surgiu a ideia do festival?*

[Leivinha] *A ideia ela veio da necessidade de uma maior divulgação para o rock, para a música em geral.*

[Claudio] *É uma história comprida, você quer ela, comprida, média, longa, é comprida, porque eu acho que tem que falar dos anos 60.*

[Trecho em inglês]

[Claudio] *Que era uma revolta profunda, contra os rumos da humanidade. A Direita e Esquerda ficaram presas na questão econômica e o movimento hippie vem com uma proposta absolutamente nova, que não é nem de Direita e nem de Esquerda, contestando guerra, falando de paz, todas as questões de profundas mudanças culturais, foram trazidos pelo movimento hippie e não pelo movimento da Direita e nem da Esquerda.*

[Música " Voz do Brasil"]

[Claudio] *Estávamos nós aqui, um pouco atrapalhado nesse processo global pela Ditadura Militar que se instaurou aqui no Brasil. Os hippies eram os marginais do momento, mas*

aqui, cabeludo ia preso, por ser cabeludo. Essa era a caratice brasileira, caretice que impedia esse tipo de manifestação, de surgir em qualquer lugar, por isso que eu acho que a bandeira hippie é uma bandeira contra a caretice.

[Hino]

[Claudio] E os festivais de música era onde essa discussão era levada, os festivais eram territórios políticos construídos como território da liberdade.

[Luiz Carlos] A música foi a maneira que a juventude daquela época, da época hippie neh?! Encontrou para melhor se expressar, então os festivais passaram a se multiplicar, mas juntar milhares de pessoas no Brasil e isso era um absurdo completo.

[Trecho em inglês]

[Claudio] Trecho em inglês

[Gilberto Gil]

[Claudio] A Ilha de Wight era o maior dos festivais todos, eu voltei com a semente dessa ideia em mim. E por causa da ditadura sobretudo não tido os avanços dos acontecimentos, que nem teve no resto do mundo.

[Luiz Carlos] Paz e Amor, chegou como uma alternativa à luta armada contra a ditadura, então os jovens mais capazes, os que não estavam seguindo a manada, mas que queriam ter a sua individualidade marcada, ou se erguiam para lutar contra a ditadura, armados, dando tiro, ou então procuravam um movimento, como diz Raul Seixas, “Alternativo”

[Raul Seixas] *Se você não está dentro de uma “Sociedade Alternativa” a “Sociedade Alternativa” sempre esteve dentro de você.*

□ ***Faça o que tu queres pois é tudo da lei da lei*** □

□ ***Viva! Viva! Viva a sociedade alternativa! (Numero 666 chama se, Alestair Crowley)*** □

□ ***Viva! Viva! Viva a sociedade alternativa! (Faz o que tu queres, ha de ser tudo da lei)*** □

□ ***Viva! Viva! Viva a sociedade alternativa! Viva! Viva!*** □

[Narração] O Brasil tem novo Presidente, Ernesto Geisel.

[Eligi] Então em 75, Ditadura neh?! Vamos pensar que é um final de processo ainda não era uma situação de democracia, neh?! Veio esse Leivinha que que queria reunir muitas pessoas. Ele tocava, tocava flauta, transversal, ele tinha um grupo também de rock e aí eles tinham vários amigos.

[Amarilis] Toda a noite a gente fazia ali um lanche, e de repente surgiu um papo do Leivinha: “é Pai, pô, a gente podia é fazer um... matar uns bois lá na fazenda, fazer uma festa, só entre a gente da fazenda, o pessoal da família, o peões a turma que trabalhava, vários conjuntos, bandas... e de repente o que era pra ser um churrasco na fazenda, virou um festival de Águas Claras.

[Leivinha] *Será uma peça de teatro durante dois dias e meio, bem assim...*

Tinha escrito uma peça de teatro, e estava querendo levar essa peça ao ar livre. A ideia começou assim, nisso alguém conversando comigo eu contei essa história, o cara falou pra um grupo não me lembro qual agora, se foi o Jazco, Rock da Mortalha... um desses grupos, alguém falou, o cara me ligou “você é o Leivinha?” eu disse: “sou” - “pô você está fazendo o festival neh meu, queria tocar.” Eu falei: “olha tô, mas eu não tenho grana pra cachê” - “ah não tudo bem, paga o transporte, estadia e tal”, então eu falei: “então beleza”

[Sussurrando] *Vamos fazer o festival, vamos fazer o festival...*

[Voz Alta] *Vamos fazer o festival!* E fomos juntando e a hora que eu estava com tudo mais ou menos assim, eu fui atrás do Peninha - “eu preciso de um cara que mexe com som.”

[Pena] Eu acho que eu já tinha experiência de estúdio na Continental, pela época eu já tinha alguma coisa produzida. Ou seja, eu era um cara que já tinha “know how” de equipamento de som... “vamos fazer um festival?” - “vamos”.

[Claudio] Deve ter sido o Peninha que me levou, imagino, não sei! Em uma das reuniões na casa do Leivinha, que era a casa do Pai dele.

[Pena] Aí a gente foi pra lacanga, e pra ver e pra ver o que ia acontecer e tal.

[Leivinha] E aí, ele tomou um susto, porque ele viu um grupo de moleque fazendo festival neh meu?! Eu mais velho 22 anos, o resto era tudo garotada de 18, 17, 16, 14!!

[Eligi] Eu tinha nessa ocasião acho que 15 anos, mas me envolvi absolutamente neh?! E foi uma construção de todo mundo.

[Giovanni] E quando eu vi eu estava lá ajudando, e eu era meio que um mascote, porque eu era muito pequeno, neh cara! Eu era um mascotinho no meio dessa turma.

[Pena] Aí, eu me lembro que assim, está eu e o Cláudio, conversando com essas pessoas, e a gente falou assim: *“E o público? O público já sabe que vai ter? “Vocês já foram nas outras cidades? “É mesmo não fomos.”*

[Música- Este é o Lugar]

□ ***Toda esquina de toda rua - Quarteirões e calçadas*** □

□ ***Toda praça ou toda alameda - Foi um terreno*** □

[Claudio] Estamos falando de um momento muito, muito anterior a internet, não é que não tinha internet, não tinha telefone na fazenda, então espalhar um festival desses, era uma coisa hercúlea.

[Peninha] Aí meio que a gente botou os amigos e os que não eram tão chegados pra correr da festa, da bagunça ali do dia a dia da pré produção, e falamos: *“oh, rua, pega o carro e vai embora e vai falar que vai ter um festival ali pelo interior de São Paulo, se espalhem.”*

[Claudio] Colar cartaz, era a única coisa que existia, era a única mídia que tinha. Foi uma coisa de boca a boca, louca, a divulgação daquilo, foi uma coisa completamente maluca, insana, impossível de ser realizado aos olhos de quem olha hoje pra trás, era um negócio de maluco.

[Giovanni] Então a gente ia de fusca, colar de madrugada, que era uma coisa meio que fora da lei, sei lá eu, meio que tinha que ser escondido, então era uma aventura neh?!

[Amarilis] Ia pra lá e pra cá neh?! A gente... *“ah vamos lá pra uma cidade perto de lacanga”* e a gente ficava num bar, sentada lá, com um “puta” de cartaz lá na porta do bar do Zé, esperando alguém vir pra comprar ingresso, e vinha, vinha, vinha... {risadas}.

[Leivinha] E eu lembro que eu viajando, já estava andando o festival e eu viajando, eu voltei e passei aqui e foi quando o delegado disse que nós não iríamos fazer o festival, que ele não ia autorizar o festival. E aí eu resolvi que eu tinha que tomar uma providência, já que ele estava proibindo, tenho que ir no pai dos burros neh, meu?! Aí eu avisei pra todo mundo: *“bom, se eu não voltar eu tô lá no DOPS, seu eu não voltar eu estou lá dentro e tal”.*

[Risadas]

E aí deu um receio terrível, aí eu entrei na sala do homem, e ele: *“ah você que é o rapaz que quer fazer o festival?”*

Ele me pôs sentado numa cadeira e falou: *“eu não vou nem te fazer uma pergunta, você lê aqui este documento, se você estiver de acordo, você assina e pode fazer o festival.”*

Eu falei: *“Cadê a caneta?”* Ele falou: *“Está aqui.” “Você não vai ler?”*

Eu falei: *Ué, o Senhor, falou que pra fazer o festival tem que assinar, se eu ler eu não assino e não faço o festival, então é já assino e faço o festival e depois a gente vê como é que fica, uai?”*

Aí ele ficou doidão e falou: *“pô, você é louco.”* Aí eu falei: *“Olha, nem fala isso, agora eu já assinei, não tem mais jeito, eu só posso levar uma cópia? Aí ele falou: “Pode!”*

E aí, era responsável por atos de diversão, por fumo, por drogas, por tudo, quer dizer, então tudo o que acontecer de errado meu amigo, você dançou.

[Amarilis] Uma semana antes, a gente começou a pensar, meu: e se ninguém aparecer? e se vier pouca gente? E a gente ficava sem dormir a noite, até sem querer fazendo guarda, fazendo vigília, inconscientes, pra ver se vinha alguém assim... de repente a gente começou a ver umas pessoas vindo, uns carros, umas pessoas, mais pessoas a pé, aí a gente começou a ficar com medo, aí nós ficamos com medo... *“porra meu, as pessoas estão vindo”*

[□bateria□]

[Pena]*Se propagou, foi gente do Brasil inteiro, as histórias de gente da Bahia, de gente do Rio Grande do Sul, foi aterrissar lá, e que soube assim 5 dias antes e sabe, entra num ônibus e vai embora.*

[Claudio] *O clima desse primeiro festival, era o clima mesmo de fato do desbunde. Eu me lembro de gente que vinha da “puta que pariu”, carona na estrada pra ir pra um lugar que eles não sabiam direito o que ia acontecer, mas todos os “maluco beleza” do mundo, ou foram ou tentaram ir pra lá, essa foi o grande barato.*

[□Música - Sinal da Paranóia□]

□**Essa obsessão de chegar... O terror de não vir a ser o que se pensa...**□

□**Esse eterno pensar nas coisas eternas - que não duram mais que um dia**□

□**Que não duram mais que um dia**□

[Amarilis] *Quando a gente vou ver estava inundada assim a estrada, e a gente ficou sem saber o que fazer com ele mundo de gente, a bilheteria precária.*

[Peninha] Havia uma expectativa, uma esperança de se cobrar entrada, mas acho que isso desapareceu assim, quando chegaram as primeiras duzentas pessoas que foram entrando entendeu, porque era uma porteira aberta, e aí saiu de São Paulo uma turma muito animada, que tinha o Antônio Peticov, o pintor, que montou uma cozinha atrás do palco, ele fazia uma panela com uma coisa única que tinha aveia, banana e carne moída, sabe assim, saudável, porém, não dava muito pra entender, ele dizia que era orgânico natural e tudo fazia bem.

[Claudio] *Quem deu cobertura para aquilo lá, foi a família, tinha as avós, as tias, a turma toda da família recebendo os “maluco beleza”, tinha uma coisa muito carinhosa assim por parte dos pais, compreensivos com este movimento, não era uma coisa normal isso naquele momento.*

[Giovanni] Pra mim era uma grande festa só que muito mais gente, era uma coisa muito linda cara, era, “puts” fantástico.

[□Música - Sinal da Paranóia□]

□**A tortura à procura da essência**□

□**O barulho aterroriza, tranca, lacra o peito**□

□**Sinal da paranóia, Sinal da paranóia, Sinal da paranóia**□

□**Sinal da paranóia, Sinal da paranóia, Sinal da paranóia**□

[Claudio] Tinham bandas ali que ninguém conhecia, as pessoas tiveram acesso aquelas bandas, e, aquele tipo de acontecimento pela primeira vez, inclusive até as próprias bandas, tinha banda que nunca tinha tocado no palco, mas para a realidade do momento, aquilo lá era de longe a maior coisa que estava acontecendo.

[□Guitarra□]

[Peninha] Aquelas pessoas, só se juntaram lá, foi a única vez que deu pra ver, que havia uma geração, que havia um linguagem se desenvolvendo.

[Claudio] finalmente o mundo, a vida tal como ele é em outros lugares, chegando aqui no Brasil.

[□Guitarra□]

[Peninha] Vinha polícia, todo dia aparecia polícia, olhava pra lá, gente pelada, na boa, no meio de gente vestida. Olhava pra cá 3 fumando, ali, mais 3 fumando ali, mais 8 fumando ali, no meio de um monte de gente numa boa, eles não faziam nada, eles seguiam, só viam se tinha alguém alterado ameaçando os outros, e não me lembro de nenhuma situação assim.

[Luiz Carlos] Agora, eu tinha uma carteira de jornalista, “frajuta”

[□Guitarra□]

[Risadas]

[Miguel] Do jornal da cidade de Bauru e como era recém na polícia e muito jovem, ninguém jamais ia mexer comigo me molestar ou questionar alguma coisa. Quem me contactou foi o Dr. Luis Augusto de Oliveira Castro, Delegado de Polícia, ele era Delegado de Investigação Geral o SIG, ele me pediu para que eu fosse lá, ficasse 4 dias ali fotografando o evento, e foi o que eu fiz.

[□Guitarra□]

[Miguel] E o pessoal pelada, homem, mulher, tomando banho na lagoa lá e tal, andando pelado pra cima e pra baixo, também, então eram coisas assim que realmente extrapolavam os bons costumes da época.

[□Guitarra e bateria□]

[Peninha] Talvez 1 terço dos que estavam lá, estavam loucos, o resto eram pessoas normais, saudáveis que estavam ali curtindo na natureza.

[□Guitarra e bateria□]

[Amarilis] Tínhamos duas garrafas, 1 de café pra gente ficar acordada, e uma de chá de cogumelo, dentro da bilheteria e os guardas ali, eles não podiam saber neh?! O que tinha ali, elas achavam que era tudo café, e a gente quase que botou chá de cogumelo pro Guarda que tomava conta da gente, porque a gente trocou as garrafas, tivemos que botar Café escrito, um adesivo não me lembro, pra gente não botar a garrafa errada.

[□Guitarra e bateria□]

[Zé Brasil] Duas horas e meia no palco, fazendo um show, que o pessoal não queria deixar a gente sair, aquele monte de gente neh?! Bonito assim, todo mundo meio enrolado em sleeping bags, enrolado em cobertor e a gente tocava assim alucinadamente.

[□Baixo□]

[□Teclado□]

[□Música da Banda□]

□**Livre, livre, livre livre, livre, livre, livre, livre, como a terra, livre como o ar, livre, livre, como a chuva, livre, como o vento, livre, livre, como o sol, livre como a lua, como as estrelas, livre, livre, livre, livre, livre**□

[Claudio]Eu fiquei responsável para cuidar do palco, inclusive apresentar, anunciar o festival e tudo mais, eu devo ter anunciado coisas absolutamente anormais, porque acontecia o tempo todo, as histórias do povo que iam pra esses lugares e nunca mais voltavam, tomava ácido e ficavam “doidão” por resto da vida, aconteceram em todos os festivais

[Áudio Claudio - do festival] *Eu Wilsinho, aparecer em frente ao palco, falar com Black Sabbath.*

Barraca de Calistractus avisa que canja vai ser servida às duas da “matina”... [risos]

[Claudio] Que doidera!

[Áudio Claudio - do festival] *Laís, procurar amigos que estiveram com você ontem, aqui na portaria do palco.*

Recado de urgência da família

[Claudio] Gente, as famílias procurando as pessoas...

[Áudio] *Luís espera novo baterista do Ursa Maior, necessito muito do óculos, espero na frente do palco.*

[Claudio] Era serviço de Achado e Perdidos, era a porra do negócio todo.

[Áudio] *Nilo comparecer com folha astral na Cantina do Peninha.*

[Claudio] Na Cantina do Peninha... [risadas]

[□Som de guitarra no fundo□] E a turma passando o som atrás, que ótimo isso.

[Peninha] O espetáculo parou pouca vezes, parou de ter música, parava assim às 4:00 da manhã, e recomeçava às 9:00 da manhã, entendeu? Já tinha um tarado lá querendo tocar entendeu?

E tinha que acordar e sair correndo atrás do prejuízo.

[Pessoas falando]

[□Guitarra□]

[Áudio] *Vocês vão curtir um solzinho agora, e a gente vai dormir um pouquinho*

[Pessoas falando]

[Áudio] *Uma fitinha pra curtir o nascer do sol...*

[Claudio] [Risadas]

[□Canto□]

[Claudio] Quem que está cantando? Sou eu? Sou eu quem está cantando? [Risadas]

Gente que barato, que coisa mais engraçada isso daqui.. [risadas]

[Miguel] Bom quando eu voltei, aí veio a pressão, “*eu quero essas fotos até de tarde*”

[□Guitarra□]

[Miguel] Não sei para o que foi usada essas fotos, pra que serviu, as consequências dela, minhas mãos estão limpas.

[Leivinha] Relatório Reservado - Festival Híppie Águas Claras - Confidencial. Transcorrer do festival; "transformando o local num verdadeiro tapete humano, com eventuais levantamento de pessoas, excitadas em danças rituais." Ah meu Deus... eu não gosto nem de ler essas coisas.

"O consumo de tóxico era feito pela suas totalidades dos participantes, destacando-se o uso da maconha, por várias vezes observadas a grande habilidade de muito deles, a confecção dos cigarros."

É o fim da picada, hora... é o fim da picada, é... mas é isso aí neh meu, isso é o Brasil! Agora você reparou que tem algumas fotos, que são no meio do mato, não tem no meio de ninguém, isso foi coisa de armação deles aqui.

[Miguel] Olhando essas fotos hoje, o que eu penso: "bons tempos", saudades da linha dura. [Risadas]

[□Guitarra e bateria□]

[Leivinha] Baseado nessas fotos, nas reportagens assim sensacionalistas, em alguns depoimentos, é, o Ministério da Justiça, enviou a todos Governadores do Brasil, um memorando, é... dizendo que existia um movimento Híppie, dizendo, citando o meu nome, que eu fazia o festival na fazenda do meu pai, e que as pessoas eram revolucionárias, porque elas diziam: "Viva a sociedade alternativa", "viva ao socialismo" viva a essas coisas todas que jovem gosta de dizer neh?!

[Eligi] O Leivinha acabou sendo perseguido durante um bom tempo, porque realmente era um momento de repressão pesado, neh?! E o Erasmo Dias ele era um secretário de segurança, bastante rigoroso, eu diria que ele era, bem militar mesmo, bravo neh?!

[Erasmo Dias] *Ato Público está proibido, não admitimos nem passeata, nem comício, está todo mundo preso e hoje vão ser enquadrados na lei de segurança nacional.*

[Repórter] *Quantas pessoas foram presas?*

[Erasmo Dias] *Não sei quantas, quantas estiverem aqui!*

[Miguel] O Coronel Erasmo Dias, foi o melhor secretário de segurança pública que o estado de São Paulo já teve, aquele cara era porreta, e se foi alguém que atrapalhou os festival, é ele e não eu. [risadas]

[Eligi] Nesse período teve uma proibição para os festivais ao ar livre.

[□Violão□]

[Amarilis] Será que um dia a gente vai fazer outro, aí começamos a olhar um assim pra cara do outro e aí a gente percebeu, que a gente ia repetir a dose, a gente só não sabia quando.

[Leivinha] A gente precisava de alguém que fosse para Brasília pra conversar e ela era uma pessoa articulada, neh?! A Eligi já devia ter, 20 anos, 21 anos, não era formada talvez, mas ela era diferente da gente por exemplo, ela usava roupa social, ela era séria entendeu.

[risadas]

[Eligi] Da família, eu estava fazendo direito, e eu fui levar todos os documentos que destruí o que estava naquele dossiê, então eu levei todos aqueles documentos de autorização, uma série de manifestação de uma série de pessoas, depoimentos de músicos.

[Leivinha] E daí pra frente a gente começou a trabalhar, eu comecei a pensar uma forma de fazer o festival, como eu poderia fazer o festival, se eu pusesse o Luiz Gonzaga, eu poderia, se eu pudesse fulano, eu conseguiria, eu não podia fazer um festival de rock, ter a imagem do híppie, eu tinha que fazer um festival de música brasileira, isso foi o que eu pensei, pra conseguir liberar, eu tenho que criar uma história que eles entendessem, que fazia parte deles também, você entendeu? Porque se eu fizer um festival de Woodstock, porra, só tem louco, os híppies vão fumar maconha, vão tomar ácido, vão viajar, vão gritar viva a sociedade socialista lá, o cassete e tal...

[Amarilis] Aí um olhou pro outro uma coisa assim meio cúmplice, olhamos pra cada um, tipo: "selamos" e fizemos em 81.

[Repórter] *Os ingressos para o 2º Festival de Águas Claras, vão custar mil cruzeiros, e darão direito a camping dentro da fazenda e a três dias consecutivos de muita música.*

[Eligi] A gente começou a construir o Festival sem a liberação, a gente começou a fazer e: "ah vai liberar, porque nós vamos fazer, nós vamos fazer..."

[Repórter] O 1º Festival de Águas Claras foi realizado em 1975, porque só 6 anos depois vocês realizam o segundo?

[Leivinha] Ah, o 1º Festival de Águas Claras realizado em 75, apresentou para produção, para equipe que produziu, uma série de falhas, uma série de deficiências e a realização do segundo festival, é... só poderia ocorrer depois de um amadurecimento emocional de todo o pessoal envolvido, nós acreditamos que um festival de música desse porte, não é um festival com acontecimento estritamente comercial, ele é um acontecimento de época, e Águas Claras em 75, foi a marca de uma geração, e Águas Claras de 81 pretende ser realmente a marca de uma outra geração.

[Bateria]

[Fé na Perua - Alceu Valença]

Aé cambada... aé...

□□□□□

[Repórter] O 2º Festival de Águas Claras começa amanhã às 10:00 horas da manhã, com apresentação do Dollar Company e Flor de Cactus. Jacanga fica a 380 quilômetros de São Paulo e o melhor acesso, de carro é a via Castelo Branco, entrando por Botucatu e depois Bauru, o público está chegando de trem de carro, mas o principal meio de transporte é a carona.

Creio na perua - E o povo tá comendo vidro

Creio na perua - E o balão vai pipocar

Creio na perua - O povo tá comendo vidro

Creio na perua - Tá pior vai piorar

[Repórter] O que você acha de muita gente reunida?

[Mulher] Ah não sei, acho que pode dar um pouco de confusão.

[Repórter] Que tipo de confusão?

[Mulher] Não sei viu...

Creio na perua - Tá pior vai piorar

[Homem] Numa situação que nós estamos vivendo, uma quantidade de gente dessa nova, que pode trabalhar, e fica vagabundando, eu falo vagabundando.

□□□□□

[Repórter] Deu muito confusão o outro festival?

[Mulher] Deu, deu bastante.

[Repórter] Mesmo assim, você é a favor?

[Mulher] Sim, sou a favor, eu acho bacana os hippies,

[Repórter] E você estava dizendo agora há pouco o quê? Muita sem vergonhice... como é que é?

[Mulher] Eu acho bastante depravação, eles abusam bastante.

[Repórter] Mesmo assim você é a favor do festival?

[Mulher] Sou a favor!

E o balão vai pipocar - Creio na perua

O povo tá comendo vidro - Creio na perua

Tá pior vai piorar - É como a história da cantiga da perua

Seu Elias fez a sua profecia popular

E Ari Lobo resolveu morar na lua

Partindo no Sputnik do campo do Jequiá

[Peninha] E no segundo dia, já começa ter helicóptero, televisão filmando, porque as pessoas não foram lá, ver a música, entendeu? Elas não foram atraídas pelos artistas, elas foram atraídas pelo evento em si, pelo encontro, a palavra comunhão é assim meio maluca, mas é um pouco isso entendeu? É, vamos dividir essa coisa de estar aqui nessa situação maluca. Todo mundo sabia que ia pra uma roubada, entendeu? Vai chover, porque se acontecer tudo de errado a gente vai perder todos os confortos, mas a gente quer estar lá, queremos estar lá,

Creio na perua - fé na perua

□□□□□□□□

Creio na perua - Creio na perua - Creio na perua - Creio na perua

[Voz e Violão - autoral]

□ **Não me critique pelos meus cabelos longos, nem me julgue por eu ter, olhos vermelhos, não vou passar colírio pra lhe enganar, não corto meus cabelos pra não me cortar, na verdade não gostamos de muito dinheiro, uma calça azul desbotada, uma túnica antiga de um quartel... não temos luxo, não somos lixo, mas somos jovens homens do amanhã.**□

[Vozes de fundo]

[Mulher] *Eu quero música! music.... de manhã, de noite, de tarde...*

[Mulher 2] *48 horas por dia.*

[Thomaz] Neste segundo o Leivinha teve a ótima ideia, de fazer show, de manhã, à tarde e à noite, então só shows com quatro, cinco artistas à noite, já é um sufoco, imagina de manhã, à tarde e à noite, então era uma loucura.

[Vozes de cabine de avião]

[Thomaz] Como era voo fretado, todos os músicos sabiam era voo fretado, eles viam do Rio a gente botava eles no avião todo mundo ia direto pra Bauru e eles ficavam no hotel lá hospedados, num hotel chamado, Hotel Feliz.

□Violão□

[Moraes Moreira] **Nhai, nhai, nhai... agora esqueci a letra... pa pa pa, o tempero é o truque, batuque no couro, sorriso no choro, amigo está bom, a cidade a mil...** □

[Thomaz] Músico só se encontra em aeroporto, em bastidor, backstage e tal, então quando os caras se encontram e começam a engrenar um papo, pra você parar o papo com os caras é complicado.

□Violão□

[Assovios e aplausos]

[Locutor do Festival] Aproveitem este dia solene da abertura, deste show mais que show de Águas Claras, que são águas de aquarius claras como a luz, pra lançar o movimento do “Kaos” com “K”, porque caos com “C” é confusão e “Kaos” com “K” é harmonia dentro da dissonância, é coração, emoção, telepatia, sexo livre, ideologia livre seja para lobisomen, vampiro, negro, amarelo ou até mesmo os caras do disco voador.

[Aplausos]

[Jorge] E obrigada as autoridades que permitiram este festival, que estava quase pra não sair, mas saiu, na última hora o milagre da fé se repete, e vamos lá!!!

□Violão□

□ **La ia la ia la ia, titi biri, la ia la ia, titi biri**□

□ **La ia la ia la ia, titi biri, la ia la ia, titi biri**□

[Aplausos e gritaria]

□bateria□

[Leivinha] Que estava ali em cima e olhava, era uma coisa que nunca tinha visto, você vê um mar de gente neh?! Vinte mil pessoas é gente pra burro, na sua frente,

□Violino□

[Aplausos e gritos]

□Banda tocando□

□□□□□□□□

[Aplausos e gritos]

[Eligi] Eu me lembro que o Leivinha levou a minha avó, no palco inclusive, e ela abençoou, abençoou a todos, e isso me faz chorar um pouco, porque... porque foi bonito, foi um momento... foi muita luta pra gente realmente conseguir liberar o festival, neh?!

Eu lembro que eu tive vestir uma “sainha” de advogada pra poder falar com aquele “ser” em Brasília, e que não sabia de nada daquela realidade gostosa que a gente tinha vivido, então, é... foi um momento muito bonito.

[Aplausos]

[Luiz Gonzaga]É... ôh...

[Sanfona e triângulo]

[Luiz Gonzaga] Águas Claras eu te dou meus parabéns

□ **De manhãzinha quando eu sigo pela estrada**□

□ **Minha boiada pra invernada eu vou levar** □

□ **São dez cabeça é muito pouco é quase nada mas não tem outras mais bonitas no lugar** □

□ **Vai boiadeiro que o dia já vem** □

□ **Levo o teu gado e vai pensando no teu bem** □

[Luiz Gonzaga] *Tem gente aí?*

[Público tímido] *Tem...*

[Poucos aplausos]

[Luiz Gonzaga] *Mas tem muito bicho também, neh?! Essa aí é que é a sociedade alternativa, é essa aí?*

[Público] *É!*

[Luiz Gonzaga] *Então acho que vocês estão com a razão, eu também estou me alternando.*

[Euforia do público]

[Eligi] *Foi fantástico 81, começou ter assim uma série de músicos grandiosos e apoiando, e dizendo: “não, eu vou sem cachê.” E aí um dia, em casa lá, toca o telefone e era o empresário do Raul Seixas, dizendo que o Raul queria ir nem que fosse de graça, neh?!*

[Leivinha] *E a Bandeirantes por exemplo meio que vedou o Raul, o pessoal da produção da Bandeirantes que ia filmar... porque o Raul na verdade naquela época era meio maldito, neh?! Assim, ele, Walter Franco, esse pessoal aí, eu fiz questão, “não quer?” “eu que faço!”*

[Raul Seixas] □ **Quando eu compus fiz Ouro de Tolo** □

□ **Uns imbecis me chamaram de profeta do apocalipse** □

□ **Mas eles só vão entender o que eu falei - No esperado dia do eclipse** □

[Banda]

[Público eufórico]

[Raul] □ **Acredite que eu não tenho nada a ver** □

□ **Com a linha evolutiva da Música Popular Brasileira conheça** □

[Guitarra tocando Garota de Ipanema]

□ **É a única linha que eu conheça é de empinar uma certa bandeira** □

[Guitarra]

[Gritos]

[Claudio] *Gravadoras não gostavam daquilo lá, não era uma coisa palatável pra gravadora, gravadora queria artistas.*

[Miguel] *Então você tinha um elenco que era muito ousado, ousado porquê? Porque não era um show de rock, não era... Woodstock tinha uma unidade roqueira, mas tinha unidade da música americana, o festival de Iacanga, esse de 81, tinha uma unidade da moderna música brasileira.*

[Hermeto]]

[Risadas]

[Flauta]

[Hermeto] *Todo mundo acampando?*

[Assovios] [Gritos]

[Hermeto] *Todo mundo transando.*

[Gritos]

[Hermeto] *Eu só estou espiando.*

[Piano]

[Hermeto] *Ih tem um loiro aqui, é Sirruca tocando flauta? Ô Arlindo? Depois te mostro.*

Lindo, te amo galego, “fi da peste”.

Poxa vida, mas tem um mundo de coisas, hein?! Hoje teria que ter umas coisas assim também.

[Piano]

[Repórter] *Tendo que isto aqui é uma fazenda e você já fez música com porco, vai fazer com boi hoje?*

[Hermeto] *Eu faço música até com tartaruga, comigo não tem problema.*

[Risadas]

[Hermeto] *O negócio é compor.*

[Guitarra]

[Hermeto cantando]

[Peninha] Hermeto sentou na beira do palco como eu estou sentado aqui assim, acho que 3:00 da manhã, 2:00 da manhã, com a flauta dele, e ficou duas, três horas tocando flauta, imagina que tinha microfone, entendeu? Era o Hermeto tocando flauta e 200 pessoas acordada, vendo ele fazer um solo de três horas, isso é o contrário de problemas, são coisas que quem viu, não esquece mais.

[Hermeto falando]

[Público grita] [Assovios]

[Bateria]

[Hermeto] *Quem não é louco nesse mundo?*

[Peninha] Tinha uma sequência, não funcionava muito bem, porque às vezes quem ia fazer o show de meia hora, ficava duas horas e meia, fazendo show e ninguém tirava do palco porque estava lindo.

[Luiz] *A gente não contava que pô, o Hermeto acabou 6:00 horas da manhã. Acabou a pilha do pessoal do som, aí.. aí... então a gente vai transferir, vai começar agora à 1:00 hora. (13:00) a parte sertaneja e aí vai direto.*

[Forró]

[Anastácia] **Fatura tem de montão - Tomara que chova logo**

Tomara meu deus tomara -Só deixo o meu cariri

No último pau-de-arara - Só deixo meu cariri

Só deixo o meu cariri - No último pau-de-arara

[Gritos e assovios]

[Leivinha] *Em contraste com tudo isso, pintou fogo, a fazenda estava muito seca.*

[Zé Geraldo] **Esse tempo que a gente tá vivendo - Não foi tanto pra nos corromper**

Nossa estória sendo escrita por você e eu

Oh pessoal, estão pedindo pra dar um tempo aqui, negócio de emergência.

[Voz de Leivinha] *Moçada, quem tem carro e instintor de incêndio, por favor coloca na mão da gente ou onde está pegando fogo, por favor, olha...*

[Peninha] O fogo subiu, aí foi um instante de pânico porque tinha barraca do caminho do fogo.

[Voz de Leivinha] *Quem tem carro por favor, e instintor de incêndio, em cima do fogo, que vamos apagar todo mundo junto.*

[Leivinha] Alguém jogou um cigarro aceso, e aí pegou um pouco de fogo no pasto, mas isso não aconteceu... não queimou barraca nenhuma, porque imediatamente a gente deu um "alô" e o pessoal que estava em volta foi lá e apagou.

[Peninha] Não teve acidente, não teve ninguém machucado, se teve foi alguém que cortou a mão sabe, com faca de descascar batata ou alguma coisa assim, não teve maiores.

[Paulinho] Quer dizer, todo mundo viajando, tomando LSD, queimando um "fuminho" um negócio, não teve uma confusão, pra você ver como foi a cabeça das pessoas, que mudou porque aquela galera lá era tudo paz e amor mesmo, era paz e amor e muitos grilos bicho, numa boa curtindo.

[Platéia cantando com palmas] **Abre a porta e a janela, venha ver o sol nascer.**

[Novos Baianos - Preta Preta Pretinha] **Eu sou um pássaro -Que vivo avoando -Vivo avoando**

Sem nunca mais parar - Ai Ai! Ai Ai! Saudade -Não venha me matar

Ai Ai! Ai Ai! Saudade -Não venha me matar

Eu ía lhe chamar! -Enquanto corria a barca

Eu ía lhe chamar! Enquanto corria a barca

Lhe chamar! Enquanto corria a barca...

[Guitarra]

Lhe chamar! **Lhe chamar!**

Lhe chamar! Lhe chamar! Lhe chamar! Lhe chamar!

[Bateria]

[Aplausos]

[Egberto] *Eu acho que juntar um monte de gente sem preconceito e deixar correr solto, qualquer expressão é o mais importante.*

[□música erudita□]

[Itamar] *Isso prova pra gente, aqui tem música caipira, tem erudita, tem rock, tem muito coisa misturada, então isso reflete a preocupação das pessoas, sabe, no sentido de ouvir, quer dizer, e eu acho que a coisa só poderia tomar força, a partir do momento que as pessoas começassem a ouvir.*

[□música erudita□]

[Diana] *É uma das poucas oportunidades que a gente tem, sabe de chegar assim, pra um monte de gente, e por um lado pro nosso próprio convívio, de estar perto dos colegas de trabalho, porque é tão difícil o músico se unir e estar perto neh?! E por outro conviver com o público de perto vem quem é que assiste a gente porque no teatro é mais formal neh?!*

[Repórter] *Gonzaguinha, interessa pra você como músico, que tem um público já definido, se apresentar num festival como esse?*

[Gonzaguinha] *Por que não? Eu acho que é importante a gente estar junto com as outras pessoas, e não partir de preconceitos, não pensar que o pessoal que curte um determinado tipo de música, não vá curtir um determinado outro tipo de música, porque de repente todos nós estamos interessados numa juventude que tem, na verdade a maioria do povo brasileiro, e que é uma força pra gente.*

[□música erudita□]

[Thomaz] Egberto Gismonti é um erudito, aquele bando de maluco, todos levantando aplaudindo de pé, "BRAVO".

[Aplausos]

[Gritos]

[Egberto] Eu estava esperando isso há anos, obrigada!Uh, que beleza!

[Aplausos]

[Giovanni] Pô cara, era um confraternização só, todo mundo se ajudando, uma amparando o outro, era uma coisa... uma união mágica, acho que um momento onde as pessoas estavam muito dispostas, a trocar mesmo, sabe?! A compartilhar.

[Leivinha] O momento de maior participação popular, no festival Águas Claras, Alceu Valença.

[Alceu] □**Apenas apanhei na beira-mar - Um táxi pra estação lunar**□

□**Apanhei na beira-mar -Um táxi pra estação lunar**□

□**Apenas apanhei na beira-mar - Um táxi pra estação lunar**□

□**Apanhei na beira-mar -Um táxi pra estação lunar**□

□**Apenas apanhei na beira-mar - Um táxi pra estação lunar**□

□**Apanhei na beira-mar -Um táxi pra estação lunar**□

[Aplausos]

[Alceu] *Muito obrigada minha gente!*

[Gritos] [Assovios]

[Conversas] [Música de fundo]

[Gritos]

[Sirene de Polícia]

[Miguel] A polícia estava lá, mas não estava lá, pra você ver, número de fragrantes, quanto foi? Número de prisões, quanto foi?

Zero - vírgula - zero - zero - zero - meio, não dá nenhum, foi nulo.

[□Cantoria□]

[□Violão□]

[Palmas]

[Eligi] A gente teve um susto imenso quando, aliás, a gente viu por reportagem mesmo, tem 70 mil, não sei quem contou 70 mil, 50 mil saiu no outro jornal, e a gente tinha 12 mil ingressos vendidos, então, a gente não imaginava que as pessoas quisessem participar disso tudo, que viajassem tanto pra chegar até lá, que pulassem cerca de arame farpado entendeu, e elas pularam cerca de arame farpado neh?!

[Leivinha] Quando nós fizemos o festival, acabou no primeiro dia, a polícia quis fechar a entrada, porque não tinha mais nada na cidade.

[Voz de Leivinha] *Não tem ninguém na delegacia? Delegacia às cancaras? Ninguém na delegacia?*

[Marcos] *É, nós estávamos com medo de amanhecer segunda-feira e não ter o que comer em lacanga, porque as padarias já não iam trabalhar porque não tinha nem farinha de trigo pra fazer pão, e a outra ia se empenhar e procurar abastecer a cidade. Mas carne, peixe e frango não existia mais em lacanga.*

[Licina] Não tinha, nem no Marajá não tinha mais, você emendava, fazia aquelas paneladas de comida, emendava, emendava e não dava, por isso que eu dormia em pé, não aguentava mais,.

Pra gente que tinha restaurante, foi um dos melhores tempos que teve pra ganhar dinheiro, foram com os hippies, eles comiam uma marmitex em três pessoas...

[Floripedes] Mas nunca deixava de pagar.

[Leivinha] *Seu Zé, 1 minutinho só, uma perguntinha pro Senhor: Como é que foi o movimento aqui na farmácia?*

[Seu Zé] *Muito bom, foi ótimo.*

[Leivinha] *E que tipo de atendimento assim, medicamento, as pessoas estavam mais carentes e procuravam...*

[Seu Zé] *Mais comprimentos e colírios.*

[Leivinha] *Dor de cabeça?*

Dor de cabeça, ressaca...

[Leivinha] Acabou tudo, a estrada não tinha nem "Cynar", sabe o que é Cynar? Cynar é uma bebida que quando acaba é porque nem água tem mais, acabou.

[Marcos] *Eu jamais havia visto é... uma multidão daquele tamanho, naquelas proporções. Os jornais de São Paulo principalmente abriram grandes espaços para comentar o acontecimento, é de uma repercussão nacional, não há dúvida nenhuma.*

[□Violão□]

[Gilberto Gil] □ **Abacateiro saiba que na refazenda - Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar - Refazendo tudo - Refazenda - Refazenda toda, lacanga...ah, ah, ah...uh, uh...□**

Bonito!

[Miguel] Já era um momento final da ditadura, e a coisa tava complicada, já tinha vindo a crise do petróleo, o País estava numa inflação brutal, no começo da hiperinflação que 81 já experimenta e tinha um quadro de desemprego então o Figueiredo vai sentir isso na rua.

[João Figueiredo] *Você ofendeu a minha mãe, porque sso? Porque essa baixaza?*

[Repórter] *Ok Presidente, obrigado!*

[João Figueiredo] *São esses documentos que eles têm? Ah, podem ir pra Rússia, apresentar esses argumentos, aqui no meu País não.*

[Miguel] O erro do Figueiredo foi fazer anistia, para volta do irmão dele, porque aí venho toda aquela classe artística, todos aqueles políticos, gente fina, gente boa, aí eles fizeram o quê? O golpe das diretas já.

[Gilberto Gil] *E aí pessoal e a abertura? [Risadas]*

[Gritos aplausos]

[Gilberto Gil] *Como é que foram os três dias? Vencemos a batalha? Essa nossa, essa nossa mini guerra cultural, na vida brasileira de hoje, é muito importante que a gente consiga vencer essas pequenas batalhas, muito importante mesmo.*

[□Violão□]

[Público cantando Bob Marley] □ **No, woman, no cry, no woman, no cry...□**

[Gilberto Gil] □ **Bem que eu me lembro, a gente sentado ali□**

□ **Na grama do aterro sob o céu - Ob... observando estrelas, junto a fogueirinha de papel. Quentar o frio, requentar o pão, e comer com você□**

□ **Os pés de manhã, pisar o chão -Eu sei, a barra de viver, mas se Deus quiser□**

□ **Tudo, tudo, tudo vai dar pé! Tudo, tudo, tudo vai dar pé□**

□ **Tudo, tudo, tudo vai dar pé! Tudo, tudo, tudo vai dar pé□**

□ *No, woman, no cry, no woman, no cry...* □

Vocês, vocês!

□ **Banda** □

□ *Não, não chores mais ... menina não chore assim* □

□ *Não, não chores mais* □

[Aplausos] [Gritos]

[Leivinha] Quando ele parou de tocar, meu Pai falou pra mim: “queria falar” eu falei: “sobe pai”, aí ele falou: “Vocês são meus filhos” o pessoal: “E...” Aí ele chegou ele falou: “os jornalistas estão falando mal de vocês aqui, dizendo que só tem maconheiro, bandido, marginal, reúne 1.500 jornalistas do jeito que vocês estão aqui, duvido que não saia uma briga. Estamos aqui quase 100 mil pessoas, não teve uma briga, não teve uma discussão, não teve nada, isso foi a maconha que fez? Bendita seja a maconha.”

Aí, pô... foi um situação assim, muito legal.

[Explosão de fogos]

[Público eufórico]

[Aplausos e cantoria]

[Som de carro]

[Leivinha] Aí meu irmão, tá indo embora?

[Homem] Tô!

[Leivinha] A pé bicho, carona tá difícil?

[Homem] Só tá!

[Leivinha] Vocês são um dos últimos indo embora, neh?

[Homem] Sim, tem cigarro aí?

[Leivinha] Pega uns 2 ou 3 já...

[Eligi] Quer dizer, acabou o festival e ninguém queria sair da fazenda, neh?! Então a gente falava: “Gente acabou, vão embora, não tem mais jeito.”

[Florípedes] Ficou uns pingadinhos.

[Licinha] É, porque o que eles iam ficar fazendo na cidade?

[Florípedes] Então eles começaram a pedir, neh? Por que acabou o dinheiro.

[Giovanni] Eles ficavam lá, porque esses eram um pessoal mais alternativo, era aquele pessoal mais malucão mesmo, neh? Ele viam Deus, e tal... Então a gente ia lá tentar fazer um convencimento, às vezes você entrava até na história, eu lembro de uma cara lá, um Jimi Hendrix, o cara era o Jimi Hendrix neh?! E ele falava, na verdade que as entidades falavam pra ele ficar lá, que lá era o lar dele, e aí a gente começou uma narrativa com ele também de que a gente também estava vendo as entidades, mas que ele tinha que levar tudo aquilo ali que ele aprendeu, para compartilhar com outras pessoas e tal, e aí no dia seguinte ele disse que sim, e que ele se comunicou e que a missão foi passada pra ele e dali ele ia embora. E a gente ajudou ele a desmontar as coisinhas dele e ele foi embora.

[Aplausos]

[Pessoas falando] *Até ano que vem!*

[Assovios]

[Leivinha] *Que ver o volume de documento que tem aqui?*

[Giovanni] *Quero!*

[Leivinha] *Tem esses documento todos aqui...*

[Homem] *Só carteira de trabalho.*

[Leivinha] *Aí, só carteira de trabalho, vocês dizem que não tem trabalhador olha aí, esses são os que perderam imagine os que não perderam a carteira.*

Toda a burocracia. São Paulo, Osvaldo Cruz, Piauí, Manaus,

[Eligi] *Manaus, cara...*

[Leivinha] *Detetive Particular, taxa aí... Santa Catarina.*

[Homem] *Qual o nome do elemento?*

[Leivinha] *O elemento? O elemento suspeito se chama, Jorge Tadeu D’aura.*

[Homem] *Então Jorge D’aura a TV Águas Claras, informa que seu documento se encontra em nosso poder.*

[Leivinha] *Olha a cara do cidadão.*

É... ninguém acreditou assim que a organização chegasse ao nível que chegou, Águas Claras é um sucesso, alguns jornais sabendo do nosso problema de evasão de bilheteria, já dava como manchete o sucesso com prejuízo.

É, a gente ficou ainda devendo, eu tive problemas financeiros, eu tive uma falência, tive que sair dela, então teve, deixou sequelas pra mim, o festival de 81.

[Licinha] O Junior falou que ele deu prejuízo na cidade, não deu, ele pagou sim.

[Florípedes] Ele deu sim!

[Licinha] Ele deu é? Bom aqui ele casa ele não deu.

[Florípedes] Não, eu tô falando que ele deu um prejuízo bem grande pra cidade.

[Licinha] Eles ficaram sem dinheiro, foram embora e depois voltou, só que eu fiz um cálculo ele fez outro, mas ele pagou o que ele fez e deu tudo certo também.

[Florípedes] Para os outros ele ficou devendo.

[Licinha] Ah então tá bom.

[Eligi] Então até os credores assim do festival, porque a gente ficou devendo um pouco pra algumas pessoas, neh?! Pessoal da área de saúde que deu apoio, eles mesmo disseram: "olha, vamos ver se a gente consegue fazer o 3º!"

[Leivinha] *Tentando levantar aí os fundos necessários que a gente consiga reunir, o mesmo grupo de artista neh? E dessa forma fazer um festival de maior sucesso.*

[Eligi] A grande ambição era acertar e fazer maior, muito maior.

[□Rock□]

[Walter Franco - Canalha]

□ **Não tarda nem falha - Apenas te espera** □

□ **Num campo de batalha - É um grito que se espalha** □

□ **É uma dor - Canalha** □

[□Guitarra□]

□ **É uma dor canalha - Que te dilacera** □

□ **É um grito que se espalha - Também pudera** □

□ **Não tarda nem falha - Apenas te espera** □

□ **Num campo de batalha - É um grito que se espalha** □

□ **É uma dor - Canalha** □

[□Guitarra□]

[Walter Franco] *Esse é o maior, o maior movimento desses últimos 10 anos ou mais, pra toda essa gente. Vamos todos juntos, obrigado!*

[Aplausos] [Gritos] [Assovios]

[Florípedes] Eu não fui!

[Lucinda] Nós fomos lá sim!

[Florípedes] Só ir levar... mas esses shows essas coisas eu não fui.

[Licinha] Ô Florípedes, você foi... a Rose foi, o Jeremias foi, o Nelson foi... você não foi, ah eu não sabia que ela não tinha ido, pronto. [Risadas] Olha, você não está esquecendo Florípedes?

[Florípedes] Não, eu não fui assistir nem um show.

[Licinha] Ai gente, quando clareou lá a Rose disse: "nossa eu tinha visto o "negócio" só no meu marido, agora eu vi mais"

[Risadas]

[Florípedes] Lucinda...

[Licinha] Ah mas é verdade, não tem problema falar isso, tem problema de falar isso?

[Risadas]

[□Guitarra□]

[Sandra de Sá]

□ **Os meus olhos coloridos - Me fazem refletir** □

□ **Eu estou sempre na minha - E não posso mais fugir** □

□ **Meu cabelo enrolado - Todos querem imitar** □

[Leivinha] *"Leivinha, corre porque a gente precisa resolver um problema" - Como assim um problema? "Não porque entrou um caminhão com carne aí, atolou, e tá congestionada a estrada inteira."*

[Thomaz] Um ônibus chegava até na porteira da fazenda, parava lá, e agora? Como é que a gente vai levar todos os artistas, instrumentos e tal, até o palco? Aquele lamaçal...

[Leivinha] *E aí a gente teve que correr e providenciar jeito das pessoas entrarem, e o jeito era abrir uma cerca e contratar tratores, para puxar os carros, porque não tinha jeito de passar.*

[Sá] *Foi fogo chegar até aqui, mas valeu a pena a gente chegar, pra ver tanta gente embaixo de chuva e lama, porque gosta de música. Valeu!!!*

[Sandra de Sá]

□ **Sarará crioulo - Sarará crioulo - Sarará crioulo** □

[Thomaz] E uma das cenas mais engraçadas, mais bizarras, foi o Erasmo Carlos, o empresário do Erasmo o Marinho, ele pedia, duas limousines pro Erasmos, ele pedia dois micro ônibus para equipe técnica, e foi todo mundo num ônibus só e de caçamba de caminhão, aí o Erasmo ficou literalmente no meio da caçamba, e a caçamba, ficava assim... ele ficava: *“Bicho! Isso é muito louco, que barato”* não sei o quê...

A hora que todo mundo via o palco, aquele “puta” palco, aquele símbolo de Águas Claras, “puta” som foi contratado, grandes técnicos, aí mudava tudo, todo mundo olhava um pra cara do outro, e: “porra”.

[Erasmos Carlos] Que barato!

[Aplausos] [Assovios]

[Leivinha] Em 83 eu falei pô a gente tem levar um nome diferente, quem pode ser? Eu falei: *“João Gilberto, pô, João Gilberto é o cara.”* Porque ele não toca em lugar nenhum ele vai tocar em Águas Claras, pô”.

[Eligi] João Gilberto, não aparecia em palco há muito tempo, ele não vinha pra palco, não era o negócio dele, então ele cantava ele gravava, mas não vinha pra palco, e aí o desafio era esse neh?! E agora já que a gente quer ser o maior, vamos também fazer o João Gilberto tocar pra todo mundo neh?!

[Leivinha] Aí, eu encontrei o Beto Ruschell, ele trabalhava na Bandeirantes se não me engano, ele falou: *“Eu tenho contato com João Gilberto”*.

[Beto] Aí João não entendeu nada, ele me chamava na época de Betinho, e falou: *“Pô Betinho você está louco? Em Águas Claras, que Woodstock, que o caralho, que não sei o que...”* Aí o João disse: *“Tá vamos conversar!”*

“Tá vamos conversar” - eu assustado, porque era uma “responça” fudida neh?! Eu tinha que confirmar que o cara ia.

[Giovanni] E obviamente aquele terror neh? Será que ele vem, neh? [Risadas]

[Leivinha] Os jornalistas duvidavam, tinha um jornalista Miguel de Almeida inclusive, que até a impressão que me deu, é que ele estava preparando as reportagens para dizer: *“João Gilberto não foi”* - O Festival foi um fracasso”.

[Miguel] Havia um receio do que pudesse... se ia ter som, se não ia queimar nada, porque dado o volume de tempestades era bem plausível, mas acho que era nesse sentido.

[Leivinha] E aí, ele fez algumas exigências loucas e tal, uma delas era carro, mas ele não sabe dirigir, pô mas deixa ele dirigir, põe o carro na mão dele.

[Thomaz] Como é que eu vou levar o João de co-piloto? Eu falei: *“Pô eu vou chamar o Roberto. Robertinho, cara vai sobrar pra você.”* O Robertinho foi de co-piloto do João, e o João dirigindo. *“Robertinho neh?! Olha Robertinho”* - E a estrada aqui. *“Robertinho, ouve o barulho do som do motor, olha que coisa linda.* Aí o Robertinho falava: *João dá licença, você está ultrapassando pra outra faixa, tá vindo um caminhão aqui.”* *“Ah desculpa, olha mas é lindo esse som.”* Ele virava a cabeça pra cá, e o volante pra lá. *“Mas é lindo esse som.”* Aí Robertinho ia lá e corrigia.

[Beto] O João, criou muito caso, muito, o tempo inteiro, porque ele é um cara que cria caso, porque eu tive que levar um violão, porque não tinha frio e o violão dele era friorento, “puta”... tem histórias do arco.

[Aplausos] [Assovios]

[Leivinha] É na hora que ele entrou e subiu, ele sentou, primeira coisa que fez, deu microfonia.

[Aplausos] [Plateia falando]

[Microfonia]

[□Violão dedilhando□]

[João Gilberto] Peraí.

[Leivinha] Eu... correu um frio na espinha, eu olhei pra ele, ele olhou pra mim, e eu falei: "Toca João." Foi uma coisa bem assim cara, ele olhou riu e começou.

[□Violão□]

□ ***Vou te contar, os olhos já não podem ver-Coisas que só o coração pode entender***□

□ ***Fundamental é mesmo o amor -É impossível ser feliz sozinho***□

□ ***O resto é mar, e tudo que eu não sei contar -São coisas lindas que eu tenho pra te dar***□

□ ***Vem de mansinho a brisa e me diz -É impossível ser feliz sozinho***□

□ ***Da primeira vez era a cidade-Da segunda o cais e a eternidade***□

[Plateia] □ ***Agora eu já sei, da onda que se ergueu no mar-E das estrelas que esquecemos de contar***□

[João Gilberto] □ Vou te contar...□

[Plateia] □ ***Os olhos já não podem ver - Coisas que só o coração pode entender***□

□ ***Fundamental é mesmo o amor-É impossível ser feliz sozinho***□

□ ***O resto é mar, e tudo que eu não sei contar -São coisas lindas que eu tenho pra te dar***□

□ ***Vem de mansinho a brisa e me diz -É impossível ser feliz sozinho***□

□ ***Da primeira vez era a cidade-Da segunda o cais e a eternidade***□

□ ***Agora eu já sei, da onda que se ergueu no mar***□

□ ***E das estrelas que esquecemos de contar...***□

[Aplausos] [Assovios]

[Plateia] *Mais um, mais um mais um, mais um, mais um.*

[Palmas]

[Plateia eufórica]

[Leivinha] E o João tocou e aquela coisa amanhecendo, é uma coisa de sonho, foi muito bonito, que assistiu não esquece.

[Eligi] Todos aqueles que estavam trabalhando, pararam assistindo João Gilberto neh?! Foi um momento fantástico.

[Thomaz] Tinha gente chorando, meu, a gente todo mundo se abraçando no final emocionado, foi uma das minhas maiores experiências.

[Paulinho] Todo mundo pra lá de "Lou Reed" todo mundo doidaço e a gente via aquela galera viajando de LSD, viajando mesmo e se amando naquelas poças de água neh?! Naquele campo e o dia amanhecendo, olha foi lindo demais.

[□Violão e plateia de fundo□]

[Beto] Ele fez um negócio que nunca tinha feito pra ninguém, e ele fez aqui no Brasil, e, segundo ele foi o melhor show que ele fez na vida dele.

[□Violão□]

[Gritos] [Assovios] [Aplausos]

[João Gilberto] *Obrigada!*

[Plateia] *Bravo!!!*

[Gritos] [Assovios] [Aplausos]

[Hermeto] Quando o festival é muito bom é muito lindo, sabe?! Vai aparecendo os empresários burros que tem dinheiro, mais do que os empresários que gostam de música, e “mete” mais dinheiro no festival e pronto.

[Repórter] Este ano, existe uma opção nova para o Carnaval, é o 4º festival de Águas Claras, que vai acontecer entre o dia 02 e o dia 06 de março. O Festival já custou 165 milhões de cruzeiros, e os organizadores estão esperando 150 mil pessoas. Daqui pra frente vocês pretendem fazer o festival de Águas Claras nessa época, no carnaval?

[Cacá] É daqui pra frente a gente tem uma opção e a gente já tem isso praticamente agendado que o festival deve acontecer no carnaval, e em setembro, duas vezes por ano.

[Leivinha] Eu me vi, meio que de repente obrigada a fazer o festival, mas eu não queria fazer o festival em 84, eu achava muito prematuro, eu estava assustado inclusive com o próprio sucesso que tivemos, em junho de 83, não podia fazer um festival em janeiro, em fevereiro de 84.

[Giovanni] Ali o sucesso acho que deu uma... subiu um pouco, e não só no meu irmão, tá?! Acho que eu diria no geral, acho que todo mundo sai dali, “a gente é!”

[Miguel] Imagina, o cara tinha conseguido levar o João Gilberto, tinha conseguido levar 80 mil pessoas no pasto, no meio do estado de São Paulo, e tinha tudo rolado bem, então isso, dentro universo publicitário isso tinha se tornado um ponto de venda, muito interessante. Daí eles conseguem esse patrocínio, um deles que eu me lembro da cerveja Malte 90, e, tem essa, injeção de grana lá.

[Vídeo Publicitário] ***Olha, olha só o que que está te esperando.***

[Eligi] Não concordei, não concordei em fazer no carnaval, e... e eu sentia que de alguma modo, eu identificava essa ameaça, porque transformou muito a forma de tudo acontecer, e eu me lembro que eu cheguei a brigar, brigar assim, a tentar convencer o Leivinha de que estava errado, que ele estava sendo absorvido por esse grupo de empresários e tal, não por bem!

[Vídeo publicitário] ***Festival de Águas Claras, com patrocínio TeleSystem a empresa que garante a instalação de seu telefone. Ligue já!***

[Leivinha] Eles queriam fazer naquela hora, eu falei: “Pô, então vamos fazer, já que vocês querem fazer, vamos fazer.”

[□Música□]

[Braguinha] Nós estamos em Águas Claras aí, abrindo esse grande acontecimento e é isso aí, espero que tenha um retorno assim bem positivo, para aqueles pessoal que está na luta e acreditando que nosso canto seja só luz que alimenta o clarão dessa estrela, que é cada um de nós.

[Jards] □ ***Chego num dia, me arranco no outro - Se eu me perder na Nau Catarineta***

□ ***Eu vou-Eu mato-Eu morro -E volto pra curtir*** □

□ ***Eu vou-Eu mato-Eu morro -E volto pra curtir*** □

[Repórter] O que que tem hoje?

[Zeppa] *Tem o Melodia, vai ter o Quebra Xereu a banda Quebra Xereu...*

[Repórter] *João Gilberto.*

[Zeppa] *João Gilberto...*

[□Violão□]

[Plateia falando]

[Jards] *Obrigada! Esse microfone tá meio “brocha”.*

[Chuva Forte]

[Leivinha] Começou a dar errado, dez dias antes, chuva imensa, não tinha jeito, e a chuva era diferente de 83, era chuva de vento que ela entrava dentro do palco, camarim, chegou a ficar com água assim...

[Thomaz] Produção, como é que chama mesmo o menino? Thomaz! Vem aqui, olha aqui o que que está acontecendo aqui. Aí eu entro, e o Sivuca assim, em cima de uma cadeira, de mão dada, olhando meu, mas um rio mesmo.

[Chuva] [Trovões]

[Leivinha] Eu tive que subir na torre, estourou a cobertura do teto, eu tive que subir pra cortar o resto, porque estava dando chicotada e quebrando todos os lustres, todas as luminárias, caixas de som, os caras achando que eu era louco, e não podia largar do jeito que estava, fez um rio dentro do circo onde a empresa ficava, abriu um buraco de água assim, ficou um rio.

[Sônia] Foi uma loucura aquela tempestade, era água abaixo, barro, e todo mundo com medo, meu, minha mesa de som voou do palco, os toca discos caíram.

[Assovios] [Gritos]

[Batuque]

[Músico] *Pessoal é o seguinte, aqui o som no momento tem que dar mais um retorno, pessoal abaixa mais o violino por favor, roda pra frente o “celo” dá retorno também o pessoal, todo mundo assim num nível, todo mundo numa altura só.*

[Pessoas falando]

[Leivinha] *Molhou a viola, calma, calma, calma...*

[Eligi] Na chuva, começou a dar problema, então dá problema na iluminação, no som, porque tinha raios, tinha choques, enfim...

[Som de aparelhos musicais]

[Músico] *Eu quero muito o volume, e corto o “250” porque está dando microfonia danada “cumpadi”, e com licença vocês da fotografia, por favor, por favor...*

[Eligi] Então alguns músicos não subiram no palco, não subiu Luiz Melodia, não subiu Clementina de Jesus, João Gilberto, Moreira da Silva, uma parte do festival foi cancelada,

[Sônia] *Aí o pessoal jogava as garrafas no palco como protesto, pra mim era o fim neh?!*

[Leivinha] *Machucou um músico ali embaixo, eu acho que é uma falta no mínimo respeito saca, é uma molecagem, agora vai quebrar uma porrada de instrumento, vocês não vão ganhar nada com isso, nós não estamos afim de desligar luz nenhuma, nós estamos afim de fazer som, senão, não fazia essa porra toda, sabe?! Por favor, que haja o mínimo de compreensão de vocês.*

Eu na hora eu pensei, eu queria que Deus pegasse uma vassoura e varresse todo mundo pra fora, eu fiz essa imagem na minha cabeça, e eu aprendi que as imagens que você projeta elas se realizam de forma muito consistente, e realmente eu não fiz mas festival, eu varri festival da minha vida, ali naquele momento.

[□Música□]

[Giovanni] Se você está movido pelo dinheiro você não chega a lugar nenhum, prova disso foi 84.

[Miguel] O que estragou o festival foi o sucesso.

[Claudio] Eu acho que ele queria ser um empresário de sucesso no setor, se construir a partir da possibilidade de fazer, eu entendo o Leivinha de uma forma incrível, ele fez o impossível isso é complicado pra caralho, daí pra frente o impossível torna-se possível, só que não neh?! E nesse sentido o sucesso de Águas Claras é o sucesso daquela linha do ativismo político e um fracasso do ponto de vista comercial neh?! Porque não consegue segurar a onda.

[Miguel] Agora quando acabou o Governo Militar, nunca mais me prestaram pra nada, não sei porque depois do governo militar não fizeram mais festival, poderia ter sido feito neh?! [Risadas]

[Peninha] Não era um negócio muito fácil de mercantilizar, de monetizar, mas estava afim, ele queria que tivesse retorno, uma pena que não deu, porque ele teria sabido manter, porque você olha pra ele hoje e fala: Esse cara tem cara de dono de festival neh?

[Leivinha] Completamente diferente neh?! Meu tempo não tinha nem porteira, você entrava direto e ia pra casa e tal.

[Eligi] E aí eu me lembro que começou a surgir a ideia de vender a fazenda, meu pai falou: “*não, eu vou vender*” e a gente: “*não pai, vende um pedacinho só, um pedacinho resolve tua vida*”.

E aí eu acho que ele deu muita bola pro pessoal de lacanga, pra opinião alheia, então foi assim, acabou com a venda da fazenda mesmo.

[Leivinha] Nossa...

[Eligi] Hoje a fazenda é laranja pura, estava até completamente desconfigurada.

[Portão abrindo]

[Leivinha] Bom dia, tudo bem? Bom dia...

[Pássaros]

Repórter] *Júnior, e se a gente tivesse que fazer um balanço do festival?*

[Leivinha] *Eu ainda acredito num saldo positivo, apesar de todas as falhas que ocorreram dentro desse mesmo festival, nós tivemos falhas corrigíveis, eu acho que o saldo positivo foi que o primeiro festival, foi o primeiro show de rock, primeiro show de música realmente que toda a empresa do Brasil cobriu, nós conseguimos com este festival, uma divulgação que a nossa música não tinha, e não tem.*

Eu acho que o festival, ele deixou o legado da possibilidade, para as pessoas, entendeu? Que é possível, desde que você queira e você faça.

[Giovanni] Se você for pensar no cenário repressivo da época, eu diria pra você que aquilo jamais aconteceria, neh?! E aconteceu.

[Claudio] Pra mim foi um delírio utópico do Leivinha, foi uma coisa extraordinária, nesse sentido, um cara que acreditou que era possível fazer uma porra de um negócio e fez.

[Luiz Carlos] Se nada disso que a gente estiver fazendo, não tiver resultado nenhum, quando a gente tiver velho nós podemos nos lembrar de como a gente se divertiu. [Risadas]

[Repórter] Então vamos uma vez mais, antes do encerramento do programa, voltar ao festival de lacanga.

[□ Guitarra □] [Som Nosso de Cada Dia]

□ **Essa obsessão de chegar... O terror de não vir a ser o que se pensa...** □

□ **Esse eterno pensar nas coisas eternas - Que não duram mais que um dia** □

Que não duram mais que um dia - A tortura à procura da essência

O barulho aterroriza, tranca, lacra o peito

Sinal da paranóia, Sinal da paranóia, Sinal da paranóia

Sinal da paranóia, Sinal da paranóia, Sinal da paranóia

Guitarra

